

Dia da Leitura

SESI

Cartilha Adulto

SESI

Sistema
FIERGS

OLHOS D'ÁGUA

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe?

[...]

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos.

[...]

Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. [...] Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os

olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

[...]

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. [...] Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

[...]

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

[...]

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. [...]

O AVESSE DA PELE

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos. Lembro que você fazia um grande esforço para ser entendido por mim. Eu era pequeno e talvez não tenha compreendido bem o que você queria dizer, mas, a julgar pela água nos seus olhos, me pareceu importante.

O LIVRO SOBRE NADA

É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez.

Tudo que não invento é falso.

Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.

Tem mais presença em mim o que me falta.

Melhor jeito que achei pra me conhecer foi fazendo o contrário.

Sou muito preparado de conflitos.

Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.

O meu amanhecer vai ser de noite.

Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção.

O que sustenta a encantação de um verso (além do ritmo) é o ilogismo.

Meu avesso é mais visível do que um poste.

Sábio é o que adivinha.

Para ter mais certezas tenho que me saber de imperfeições.

A inércia é meu ato principal.

Não saio de dentro de mim nem pra pescar.

Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore.

GUARDADOR DO MAR

Para mim, o Mucuripe é o pedaço mais bonito de Fortaleza. É onde eu entendo a cidade e onde mais gosto dela. É ali, no final da nossa Avenida Beira-Mar, que as jangadas estacionam durante a tarde e a noite para descansar da aventura de todas as madrugadas. É lá que se encontra os frutos do mar mais frescos e as conversas mais animadas. História de pescador, dizem, é pura invenção. E existe algo mais necessário que saber inventar?

LÂMINA

Dizem que tudo começa na infância

O raio

O espectro

A ave

O cedro

A órbita do tempo

se revira nas minhocas
soterradas no estrume

Canta um galo

ao longe

E no ouvido

freme um zumbido

de aurora

Enquanto homens e mulheres

acimentam o chão,

eu lavro uma terra

esquecida

Não sigo os lampejos

as latarias

o trânsito

e os sinais

do mês de dezembro

O sino que toca é outro

Poucos podem ouvir

Porque está além

do cimo das igrejas

ele toca nas quinas

na curva metálica

da janela

sobreaquecendo

ao sol

onde seca o orvalho

nasce sempre

outro tempo

A cada manhã

tem uma lâmina

afiada

Queimando

Evaporando

A água

A sede

- sempre a última gota -

Que tu trazes na memória.

A METAMORFOSE

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregório Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto. Estava deitado sobre o dorso, tão duro que parecia revestido de metal, e, ao levantar um pouco a cabeça, divisou o arredondado ventre castanho dividido em duros segmentos arqueados, sobre o qual a colcha dificilmente mantinha a posição e estava a ponto de escorregar. Comparadas com o resto do corpo, as inúmeras pernas, que eram miseravelmente finas, agitavam-se desesperadamente diante de seus olhos.

Que me aconteceu? - pensou. Não era nenhum sonho. O quarto, um vulgar quarto humano, apenas bastante acanhado, ali estava, como de costume, entre as quatro paredes que lhe eram familiares.

PRÓLOGO

DESOCUPADO LEITOR: Não preciso de prestar aqui um juramento para que creias que com toda a minha vontade quisera que este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo, e discreto que se pudesse imaginar: porém não estive na minha mão contrair à ordem da natureza, na qual cada coisa gera outra que lhe seja semelhante; que podia portanto o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho magro, seco e enrugado, caprichoso e cheio de pensamentos vários, e nunca imaginados de outra alguma pessoa? Bem como quem foi gerado em um cárcere onde toda a incomodidade tem seu assento, e onde todo o triste ruído faz a sua habitação! O descanso, o lugar aprazível, a amenidade dos campos, a serenidade dos céus, o murmurar das fontes, e a tranquilidade do espírito entram sempre em grande parte, quando as musas estéreis se mostram fecundas, e oferecem ao mundo partos, que o enchem de admiração e de contentamento.

O GUARDADOR DE REBANHOS

Eu nunca guardei rebanhos,

Mas é como se os guardasse.

Minha alma é como um pastor,

Conhece o vento e o sol

E anda pela mão das Estações

A seguir e a olhar.

Toda a paz da Natureza sem gente

Vem sentar-se a meu lado.

Mas eu fico triste como um pôr do Sol

Para a nossa imaginação,

Quando esfria no fundo da planície

E se sente a noite entrando

Como uma borboleta pela janela.

Sobre os autores

Conceição Evaristo (Belo Horizonte/MG, 1946) é escritora e pesquisadora. Sua obra aborda temas como memória, identidade, racismo e a experiência da mulher negra no Brasil. Desenvolveu o conceito de “escrevivência”, unindo vivência pessoal e criação literária. Foi homenageada no Prêmio Jabuti em 2023.

Jeferson Tenório (Rio de Janeiro/RJ, 1977) é escritor e professor brasileiro, radicado em Porto Alegre/RS. Sua obra aborda questões raciais, identidade, pertencimento e desigualdade social no Brasil contemporâneo. Ganhou destaque nacional com o romance *O Averso da Pele*, vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura em 2021.

Manoel de Barros (Cuiabá/MT, 1946 - Campo Grande/MS, 2014) foi um dos mais importantes poetas brasileiros do século XX, reconhecido por sua escrita original, marcada pela valorização da natureza, da infância e das pequenas coisas do cotidiano. Recebeu diversos prêmios, entre eles, dois Prêmios Jabuti.

Socorro Acioli (Fortaleza/CE, 1975) é escritora e jornalista, com livros publicados para crianças, jovens e adultos. Destaca-se pela produção de romances que dialogam com o realismo fantástico e a tradição oral nordestina. Sua escrita explora memória, religiosidade e imaginário popular brasileiro.

Sobre os autores

Mayara La-Rocque (Belém/PA, 1988) é escritora, formada em Letras pela Universidade Federal do Pará. Ministra cursos de criação literária. Em 2016, produziu o livro artesanal "Atravessa a tua viagem" à exposição Alfabeto de ficções, da Associação Fotoativa (Belém-PA). Em 2017 escreveu a plaquete "Uma luminária pensa no céu", publicada pela Editora Escriba.

Franz Kafka (Praga, 1883 - Klosterneuburg, 1924) foi um escritor de língua alemã nascido em Praga, então parte do Império Austro-Húngaro. Sua obra é marcada por narrativas que exploram angústia, burocracia, culpa e a sensação de alienação do indivíduo diante da sociedade moderna. Entre seus textos mais conhecidos estão A Metamorfose e O Processo.

Miguel de Cervantes (Alcalá de Henares, 1547- Madrid, 1616) foi um escritor, poeta e dramaturgo espanhol, considerado uma das maiores figuras da literatura mundial. É autor de Dom Quixote, obra apontada como o primeiro romance moderno. Sua escrita combina humor, crítica social e reflexão sobre realidade e imaginação.

Fernando Pessoa (Lisboa, 1888 - Lisboa, 1935) foi poeta, ensaísta e tradutor, destacou-se pela criação de heterônimos – como Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Alberto Caeiro – por meio dos quais desenvolveu diferentes estilos e visões de mundo. Sua obra mais conhecida é Mensagem, única publicada em vida.

SESI

**Sistema
FIERGS**